



Revista Archai  
E-ISSN: 1984-249X  
archaijournal@unb.br  
Universidade de Brasília  
Brasil

Basilio Vieira, Ana Thereza  
ORIGENS DA MEDICINA ROMANA NA HISTÓRIA NATURAL, DE PLÍNIO O VELHO  
Revista Archai, núm. 3, julio, 2009, pp. 31-43  
Universidade de Brasília

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=586161958003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## ORIGENS DA MEDICINA ROMANA NA HISTÓRIA NATURAL, DE PLÍNIO O VELHO

*Ana Thereza Basilio Vieira*\*

**RESUMO:** A literatura médica em Roma primeiramente se sustenta sobre trabalhos científicos gregos, pois que a língua latina, imprópria a matérias especulativas, não conseguiria exprimir a grandiosidade e precisão do assunto. A medicina romana, portanto, assimila a cultura médica grega. Os médicos romanos se dedicam, pois, a uma higiene pública, sistematizando com prudência os conhecimentos práticos e concretos de outras culturas. Plínio, o velho escreve uma obra intitulada *História Natural*, composta de trinta e sete livros, e nos interessam sobremaneira aqueles dedicados à medicina, sua história e propagação pelos povos antigos, até sua chegada e acolhida em Roma, no século I d.C.

**PALAVRAS-CHAVE:** Medicina romana; História Natural; Roma imperial; tratamentos domésticos; magia.

### THE ORIGINS OF ROMAN MEDICINE IN PLINY THE ELDER'S NATURAL HISTORY

**ABSTRACT:** The medical literature in Rome firstly lives on Greek scientific works, because Latin language, inappropriate for speculative matters, couldn't be succeeded to express the grandiosity and precision of the subject. So, Roman medicine assimilates the Greek medical culture. Roman doctors dedicate themselves to a public hygiene, prudently systematizing practice and concrete knowledge of other cultures. Pliny, the elder writes a work untitled *Natural History*, composed in thirty seven books, and interests us most those dedicated to medicine, its history and dissemination among ancient people, up to its arrival and reception in Rome, at the first century.

**KEYWORDS:** Roman Medicine; Natural History; Imperial Rome; Domestic Treatments; Magic.

### INTRODUÇÃO

Os romanos, antes da assimilação da religião e da mitologia grega, não possuíam divindades antropomórficas. Estas, portanto, não eram dotadas de personalidade distinta e não intervinham nas vicissitudes humanas. Com o tempo, entretanto, sentiu-se a necessidade, em Roma, de ter divindades curandeiras mais acessíveis e personalizadas às quais as pessoas

---

\* Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da UFRJ. E-mail: atherezavieira@yahoo.com.br.

pu dessem se dirigir em caso de doenças individuais e nas epidemias. *Minerva*, em particular, que possuía o atributo de médica, como se vê em muitos epítáfios, tinha um templo no monte Esquilino. Já no Quirinal havia um templo dedicado a *Dea Salus*, a divindade que reinava sobre todas as outras relacionadas com a enfermidade, como a *Febris*, deusa da febre, *Uterina*, deusa da ginecologia, *Lucina*, encarregada dos partos ou *Fessonia*, senhora da debilidade e da abstinência.

Podemos distinguir na história da medicina romana três períodos principais: (1º) das origens até cerca da metade do século III a.C., caracterizado por influências itálicas e etruscas, em que prevalece uma terapêutica de tipo familiar; (2º) a transição, da metade do século III a.C. até inícios do século I d.C., quando há uma penetração da cultura científica grega, com a chegada a Roma de médicos gregos (homens livres, escravos ou libertos); (3º) a era das escolas, a partir do início do século I d.C.

Sob a República e parte do Império, existia um ensino oficial da medicina, confiado aos médicos chefes do serviço de saúde pública, os *archiatri*, mas ministrado em grego. Apenas no Baixo Império é que começa a surgir uma literatura médica em latim, mesmo assim basicamente restrita à tradução de alguns manuais gregos. Para tornar esta uma profissão estabelecida, inicialmente, os honorários dos médicos eram modestos e depois foram aumentando com o passar do tempo. A ilusão de proventos mais altos atraiu para Roma multidões de charlatões, intrujões e homens de negócios, que com sua imperícia e os escassos escrúpulos acabaram por rebaixar o nível da classe médica. Tão desacreditada, a medicina oficial teve de agüentar a concorrência da medicina popular, que se ligava àquela doméstica, e que se associava à magia e à superstição. Todos estes fatores contribuíram para a decadência da medicina douta, oficial, e levaram a uma revisão crítica de seus sistemas.

## 1. O ESTADO ROMANO E A MEDICINA

Na antiga Roma faltava um controle estatal relacionado à verificação da preparação científica dos médicos e à vigilância do uso correto da medicina; não existia um órgão comparável ao Conselho de Medicina. Sêneca e Cícero, como vimos, delineiam uma imagem do médico amigo e da alta estatura humana. Mas Sêneca vai além e nos propõe um outro princípio: o da não discriminação do doente (SÊNECA, 1991, XXVIII, 4):

*Quaedam in medio ponuntur: tam bonis quam malis conduntur urbes [...] medicina etiam sceleratis opem monstrat; compositiones remediorum salutarium nemo suppressit ne sanarentur indigni.*

“Alguns bens são comuns: as cidades são construídas para os bons e para os maus [...] a ciência médica fornece a sua ajuda também aos celerados; ninguém

proibiu a fabricação de remédios salutares, tendo por fim não curar aqueles que não merecem”.

O código hipocrático recusava-se a aceitar o aborto. Na verdade, o avanço desta prática sob o império nos leva a pensar que práticas abortivas fossem perpetradas não só por parteiras, mas também por médicos sem muitos escrúpulos e ávidos de dinheiro. As mulheres ricas podiam fazer abortos seguros, as pobres deviam aceitar as fadigas do parto e do aleitamento se prezassem suas vidas. Eis o que Juvenal diz (VI, 592-594): *Hae tamen et partus subeunt discrimen et omnis / nutricis tolerant fortuna urgente labores; / sed iacet aurato uix ulla puerpera lecto*. “Estas [as pobres], todavia, devem estar sujeitas às fadigas do parto e do aleitamento: a sua pobreza as obriga a isso, mas num leito ornado de ouro não veremos quase nunca uma parturiente”.

Menos sentido no plano moral era o problema da eutanásia. Além do mais, não se dispunha das modernas terapias de dor nem de técnicas de prolongamento da vida. No mundo pagão era o próprio doente que dava fim à sua vida e os médicos, quando não havia mais esperança e os sofrimentos não podiam ter nenhum alívio, não negavam a sua ajuda, como nos testemunha Sêneca (*De ira*, I, VI, 4): *Hoc uno medentibus erit dissimilis quod illi quibus vitam non potuerunt largiri, facilem exitum praestant...* “Apenas nisto (os governantes) se distinguem dos médicos, porque estes dão uma morte rápida àqueles que não puderam aumentar sua vida...”.

Três contribuições romanas foram fundamentais para a medicina: (a) os hospitais militares (*valetudinaria*), que se desenvolveram como resposta a uma necessidade imposta pelo crescimento progressivo da República e do Império. Inicialmente, os feridos em batalhas eram levados para as casas dos patrícios e ali eram atendidos. Com a expansão territorial e o crescente número de feridos, criou-se um espaço especialmente dedicado a eles dentro do campo militar. Sua estrutura era a de um corredor central e fileiras em ambos os lados com pequenas salas, cada uma com capacidade para 4 ou 5 pessoas. Os hospitais civis surgiram por volta do século IV d.C., produto da piedade cristã; (b) o saneamento ambiental, desenvolvido bem cedo em Roma, graças à cloaca máxima, um sistema de drenagem que ia até o rio Tibre e que data do século VI a.C. Na Lei das Doze Tábuas (450 a.C.), proibem-se os enterros dentro dos limites da cidade, e se lembra aos edis a sua responsabilidade na limpeza dos esgotos e na distribuição de água. Esta era oferecida por meio de 14 grandes aquedutos que proporcionavam mais de 1000 litros de água por dia, e a distribuição a fontes, cisternas e casas particulares era excelente. Também se recolhia água da chuva para preparar remédios; (c) a legislação médica, criada durante a República, quando a maioria dos médicos eram escravos, sujeitos a uma posição subordinada. No entanto, Júlio César concedeu a cidadania a todos os que exerciam a medicina em Roma.

## 2. A MEDICINA NATURAL

A medicina romana se baseava em escolhas individuais, uma espécie de automedicação. As escolhas terapêuticas romanas se sustentavam numa tradição secular, com uma atenta observação empírica das causas e dos efeitos. Algumas dessas terapias e substâncias usadas pelos antigos são até hoje válidas, como a hidroterapia fria, inventada por Antonio Musa, que em 23 a.C. curou Augusto de uma grave doença. A couve, por exemplo, é considerada por Catão (*De agric.*, 156, 1) como um remédio válido para todos os males e “superior a todas as hortaliças”.

Os romanos, portanto, conheciam muitos remédios baseados na preparação de medicamentos a partir de substâncias naturais, sobretudo ervas (*scientia herbarum*). Este saber passava oralmente de pai para filho e é provavelmente a fonte destes conhecimentos a medicina etrusca.

O interesse romano pela botânica médica tem uma longa e rica história. Os testemunhos neste campo são narrados por grandes estudiosos como Catão, Varão, Plínio o velho e Celso, sem contar os médicos como Escribônio Largo, Dióscoride e Galeno.

Inicialmente, era o *paterfamilias* que costumava preparar os remédios caseiros para os doentes de sua família. Essa ciência era passada para os descendentes. Catão se vangloriava de ter chegado a uma idade avançada com boa saúde e de ter curado seus doentes com remédios preparados por ele mesmo em casa.

Ervas, raízes, unguentos e emplastos eram usados com freqüência. O laserpício (*laserpicum*) era sobremaneira usado em tratamento de convalescenças, em estados de prostração, nas digestões difíceis, nos distúrbios circulatórios e em doenças de mulheres; curava ainda feridas e chagas e amadurecia os abscessos; curava a dor de garganta, asma e outras moléstias, servia como antídoto contra picadas de cobras e de escorpiões. Só era impotente contra a dor de dente, para o que se aconselhava a polpa da abóbora com absinto e sal.

Para se conservar os dentes, era aconselhado lavar a boca com sangue de tartaruga três vezes ao ano ou dissolver sal sob a língua em jejum.

Contra a calvície, receitava-se uma infusão de vinho, açafraão, pimenta, laserpício e excremento de rato.

## 3. A MEDICINA NO SÉCULO I D.C. E A HISTÓRIA NATURAL

O século I d.C. se mostra fecundo para o mundo romano no que concerne as investigações científicas, literárias e artísticas. O centro das atenções volta-se para aquilo que existe fora de Roma, e que precisa ser levado ao conhecimento dos cidadãos romanos que permanecem na *Vrbs*. O constante deslocamento de estudiosos, pesquisadores, artistas e toda espécie de intelectuais, sobretudo à Grécia e ao Egito para freqüentar centros de divulgação de saberes, como museus e bibliotecas, contribui para difundir a idéia de cosmopolitismo.

Pode-se definir Roma como uma grande via de circulação – de mercadorias, pessoas,

negócios, saberes –, situada em meio a uma encruzilhada: ela representa o passado, com seus costumes e tradições agrícolas e campestres, e o futuro, com novas técnicas e ciências.

É nesse tempo de descobertas que surge Plínio, o velho (*Caius Plinius Secundus Maior* – 23/24 – 79). Proveniente de Comos, na Itália, de família eqüestre. O pouco que se sabe a seu respeito nos é transmitido por seu sobrinho Plínio, o moço, em duas cartas, ou por Suetônio, no *De viris illustribus*. Plínio, o velho é autor de uma produção extensa, como um livro sobre “O arremesso de dardo a cavalo”, dois livros “Sobre a vida de Pompônio Segundo”, vinte livros sobre “As guerras da Germânia”, estudos de gramática e retórica, além de sua maior e única obra supérstite, trinta e sete livros de “História natural”, todas obras escritas em seu tempo de ócio, pois que seu verdadeiro ofício era o de administrador, procurador e comandante de uma esquadra. Morreu justamente durante uma missão de resgate às vítimas do Vesúvio, no ano de 79, talvez fascinado pelas maravilhas que a natureza então lhe proporcionava. Eis o que Suetônio (In: PLINE, L'ANCIEN, 1950: 13) nos diz a seu respeito:

*Plinius Secundus Novocomensis equestribus militiis industrie functus, procurationes quoque splendidissimas et continuas summa integritate administravit; et tamen liberalibus studiis tantam operam dedit, ut non temere quis plura in otio scripserit. Itaque bella omnia, quae unquam cum Germanis gesta sunt XX voluminibus comprehendit; item Naturalis Historiae XXXVII libros absoluit...*

“Plínio Segundo, exercendo função de forma industriosa junto aos soldados eqüestres novocomenses, com sua integridade ainda administrou procurações brilhantíssimas e ininterruptas; e, no entanto, cuidou dos estudos liberais, de modo que alguém escreveu que ele não temia trabalhos maiores no ócio. Assim, reuniu em 20 volumes todas as guerras, que um dia foram dirigidas contra os Germanos; e também concluiu 37 livros de história natural...”.

No entanto, antes de abordarmos a obra de Plínio propriamente dita, faz-se mister esclarecermos uma questão importante. Quando se pensa em transmissão de conhecimentos, de uma forma geral, há que se levar em conta três dimensões fundamentais, em que os textos foram realizados, tal como nos propõe Fairclough (2001: 101). Isto significa que as obras devem ser examinadas como objetos textuais com características formais específicas, como foram produzidos, distribuídos e consumidos em relações textuais específicas e que devem ser analisados dentro de um contexto social e econômico mais amplo que os transforma, e que por eles é transformado.

A primeira questão a ser tratada, entretanto, é o que se entende pelos termos “História natural”. Segundo Merleau-Ponty (2006: 4-8), natureza, em latim, derivaria do verbo nascer, viver (*nascor*), resultando em seu primeiro sentido. A natureza é “um objeto enigmático, um objeto que não é inteiramente objeto, ela não está inteiramente diante de nós”. E mais adiante ele nos diz

que para os estóicos, a natureza estaria associada a uma idéia de *simpatia*, de destino. A *natura* latina não é tão somente a natureza tal qual a entendemos hoje, ela é a representação do mundo. Mary Beagon (in Murphy: 2004: 33) nos assinala que *natura* é “o mundo, tanto em sua totalidade, quanto em seus componentes separadamente; ela é tanto o criador quanto a criatura”, portanto, natureza é tudo, é a história do homem, dos animais, das plantas, dos minerais, dos céus, do universo. Quanto ao termo *historia*, deve-se traduzi-lo melhor por investigação, pesquisa. Assim, *Historia naturalis* seria a “Investigação sobre tudo”.

Como, então, poderemos entender que alguém do século I de nossa era possa escrever sobre uma investigação do mundo? Voltemos a Plínio e à sua época. Após a era Júlio-claudiana advém a era vespasiana, que tenta resgatar o encanto de uma época longe das tiranias, dos acontecimentos nefastos. O novo Senado é a tônica desse período, tentando resgatar as antigas virtudes republicanas, como liberdade, melhor tratamento dispensado aos escravos, assistência pública para as crianças pobres. Em suma, tenta-se chegar a um novo classicismo. Porém, tudo é relativo, até mesmo essa aparente liberdade.

A prosa científica e técnica se generalizam: podemos ver o surgimento de um livro *Sobre a arquitetura* (Vitrúvio) ou *Sobre as árvores* (Columela), ou ainda *Extratos gramaticais* (Macróbio), além, é claro, da *História natural* (Plínio, o velho), obras tão específicas quanto curiosas.

Resgate-se, ainda, a idéia de Fairclough com relação ao contexto de produção dessas obras. Plínio, como oficial da cavalaria e procurador, percorre toda a Germânia ocidental, desde o Danúbio até a embocadura do Reno, ao lado de Pompônio Segundo. Afasta-se da carreira militar durante o reinado de Nero e retoma-a sob Vespasiano, quando decide acompanhar uma expedição a Jerusalém para lutar contra os judeus. Daí surge seu primeiro contato com o oriente. Passa ainda por várias províncias na Espanha Terraconense, Síria, Narbônia (África) e Bélgica. Ora, esse contato com o mundo estrangeiro, com suas culturas, povos e hábitos estranhos, suscita em Plínio uma curiosidade incessante e uma vontade cada vez maior de transmitir esses novos conhecimentos aos romanos. O mundo apresentado na *História natural* é o mundo visitado por Plínio em suas expedições; os saberes são apreendidos durante as viagens, mais por contato com outras obras ou por observação, menos própria e mais alheia, do que por experimentação. E o que une esses mundos tão estranhos? É justamente o poderio de Roma, senhora de tudo, que unifica um mundo tão vasto e tão amplo.

A *História natural* é uma espécie de compêndio, enciclopédia, uma obra de referência de costumes romanos e estrangeiros, sobretudo populares ou imaginários. Seus trinta e sete volumes dão conta de uma gama de conhecimentos vastíssima: desde prodígios celestes e marinhos, características e utilidade de diversas plantas e animais, até a serventia dos minerais. Vale lembrar que Plínio não se atém a considerações metafísicas como Deus, ou alma, mas a questões físicas como o valor da palavra, da religião e dos animais, incluindo aí o homem.

O primeiro livro é um índice, feito pelo próprio autor, que serviria para facilitar as pesquisas

e poupar o tempo de seus leitores. Antes disso, porém, há uma dedicatória ao futuro imperador Tito, apresentada num tom comum a vários autores romanos, o do comedimento, da resignação. Diz Plínio, no livro I:

*Libros Naturalis Historiae, nouicium Camenis Quiritium tuorum opus, natos apud me próxima fetura licentiore epistula narrare constitui tibi, iucundissime Imperator: sit enim harc tui praefatio, uerissima, dum maximi consenescit in patre, namque tu solebas. Nugas esse aliquid meas putare, ut obter emolliam Catullum conterraneum meum (agnoscis et hoc castrense uerbum)..*

“Decidi fazer-te conhecer por esta epístola, agradabilíssimo Imperador, os livros de História natural, trabalho novo para as Camenas de teus Quirites, gerados por mim numa última produção mais livre: que estas considerações, pois, te sejam justíssimas, enquanto que a de máximo recai sobre teu pai, porque tu costumavas julgar de algum valor as minhas nugas, de modo que, de passagem, abrandarei meu conterrâneo Catulo (também reconheces essa palavra do serviço militar)...”

Ora, o que vemos aqui é não somente uma dedicatória a Tito (agradabilíssimo imperador), mas ainda uma menção às Musas (Camenas), fato recorrente e quase que obrigatório na Antigüidade clássica, além de uma referência a Catulo, como forma de demonstração de imitação de uma autoridade da língua clássica.

A informação sobre o contexto social e econômico é-nos apresentada logo a seguir:

*Triumphalis et censorius tu sexiesque consul ac tribuniciae potestatis particeps et, quod his nobilius fecisti, dum illud patri pariter et equestri ordini praestas, praefectus praetorii eius omniaque haec rei publicae es...*

“... que esta (epístola) se lance em outras ações e que todos saibam o quão propiciamente o império vive contigo. Tu, seis vezes côsul triunfador e censor e partícipe do poder tribunício, o que fizeste de mais nobre a estes, enquanto dás isso igualmente ao teu pai e à ordem eqüestre, prefeito desse pretório e tudo que és para esta república...”.

Tito, filho de Vespasiano, ainda não havia sido nomeado imperador, o que acontecerá justamente no ano da morte de Plínio. Porém, os cargos já fazem jus a um homem de tamanha envergadura. O poderio militar, político e comercial de Roma propiciaram a utilização do mundo como material para o livro.

Os conhecimentos relacionados a seguir dão conta de um sistema que engloba diferentes campos de pesquisa, que deverão ser utilizados não como fonte de leitura contínua, mas como uma obra de referência e modelo, que justifica a sua composição notando o poder que a palavra



pode exercer sobre o gênero humano: “Nunca em ninguém diz-se que fulgurou verdadeiramente a força da eloquência, o poder tribunício da fala”. E Plínio segue apresentando o ineditismo de sua obra:

*Meae quidem temeritati accessit hoc quoque, quod leuioris operae hos tibi dedicaui libellos. Nam nec ingenii sunt capaces, quod alioqui in nobis perquam mediocre erat, neque admittunt excessus aut orationes sermonesue aut casus mirabiles uel euentus uarios, iucunda dictu aut legentibus blanda, sterili materia: rerum natura, hoc est uita, narratur, et haec sordidissima sui parte, ut plurimarum rerum aut rusticis uocabulis aut externis, immo barbaris etiam cum honoris praefatione ponendis. Praeterea iter est non trita auctoribus uia nec qua peregrinari animus expetat: nemo apud nos qui unus omnia ea tractauerit. Magna pars studiorum amoenitates quaerimus; quae uero tractata ab aliis dicuntur inmensae subtilitatis, obscuris rerum tenebris premuntur. Iam omnia attingenda quae Graeci tes enkuklíou paidéia uocant, et tamen ignota aut incerta ingeniis facta; alia uero ita multis prodita, ut in fastidium sint adducta. Res ardua uetustis nouitatem dare, nouis auctoritatem, obsoletis nitorem, obscuris lucem, fastiditis gratiam, dubiis fidem, omnibus uero naturam et naturae sua omnia. Itaque etiam non assecutis uoluisse abunde pulchrum atque magnificum est.*

“O que junto ainda à minha temeridade é que as notas que eu te dediquei representam um trabalho de pouco relevo; de fato, elas não representam o gênio, aliás tão medíocre em mim, e não permitem digressões, nem discursos ou diálogos, nem acontecimentos maravilhosos ou aventuras variadas, todas coisas agradáveis de se escrever ou de se ler, pois a matéria que eu trato é árida: trata-se da natureza, isto é, da vida, e do que ela tem de mais baixo, exigindo para uma série de objetos a utilização de termos campesinos ou estrangeiros, e até mesmo nomes bárbaros, que são necessários virem precedidos de desculpas. Além disso, o caminho pelo qual enveredei não foi explorado pelos autores, nem mesmo daqueles cujo espírito deseja passear. Não há ninguém que tentou o mesmo, ninguém entre os gregos que tenha tratado sozinho todas as partes dessa matéria. Procuramos, em geral, as amabilidades do estudo; quanto às questões tratadas por outrem que passem por infinitamente delicadas, estas permanecem enfurnadas nos mistérios de suas trevas. Além disso, é preciso tocar em todos os pontos que os gregos abarcam com o nome de “cultura enciclopédica”; e entretanto alguns são ignorados ou ficam imprecisos pelas invenções pessoais, enquanto que outros foram publicados com tanta freqüência que tornaram-se fastidiosos. É uma tarefa árdua dar um ar novo às velharias, autoridade às novidades, brilho ao que é ultrapassado, clareza ao que está obscuro, atrativo ao que foi desprezado, crédito ao que é duvidoso, dar a cada

coisa a sua natureza e à natureza tudo que lhe pertence. Assim, mesmo que faltemos a nossos princípios, é suficientemente belo e glorioso tê-lo tentado”.

Como se pode depreender dessa explanação, não faltarão críticas de Plínio ao trabalho alheio, como não faltarão críticas a seu trabalho. Não houve um grego que tivesse composto essa espécie de trabalho, embora muitos tenham se dedicado a outras espécies de compêndios, não tão abrangentes. Entre os romanos tampouco houve alguém que tivesse enveredado por esse caminho, de compor o que seria uma *encyclos paidéia*, ou uma enciclopédia verdadeiramente contendo o máximo de informações possíveis. Haverá muita coisa já notória à época de Plínio, mas o que mais importa é o mundo descrito com o que ele apresenta de diferente ou de desconhecido ao mundo romano, daí a sua preocupação em dar crédito ao que é duvidoso. Além disso, não pode um curioso dar conta de tudo, até porque tudo será um trabalho insano e fora de questão para a aceitação da própria época. E é o próprio Plínio quem nos descreve esse público e o que ele espera de uma obra, a tradição é o mais importante:

*Ex illis mox uelim intellegi ping<endi fingend>ique conditoribus, quos in libellis his inuenies absoluta opera et illa quoque, quae mirando non satiamur, pendent titulo inscripsisse, ut APELLES FACIEBAT aut POLYCLITUS, tamquam inchoate semper arte et imperfecta, ut contra iudiciorum uarietates superesset artificii regressus ad ueniam uelut emendaturo quicquid desideraretur, si non esset interceptus... Ego plane méis adici posse multa confiteor, nec his solis, sed et omnibus quos edidi...*

“Eu desejo que interpretem minhas intenções com aquelas desses famosos criadores da pintura e da escultura, que, como verás em meus volumes, colocavam nas obras acabadas, até mesmo em obras-primas que não cansamos de admirar, uma inscrição suspensa, como Apele ali trabalhava ou Policlito ali trabalhava, como se a arte fosse sempre algo começado e sempre inacabado; assim, face às variações de gosto, ficava um recurso ao artista, que se dizia pronto a corrigir todos os defeitos que se assinalasse, se a morte não o interrompesse... De minha parte, confesso francamente que se poderia acrescentar muito aos meus livros, e não só a estes, mas ainda a todos os que já publiquei...”.

De seus trinta e sete livros, interessam-nos sobremaneira os livros dedicados à medicina – vinte e oito a trinta e dois –, que contêm uma história da medicina, da utilização de plantas, animais e até mesmo do homem para a cura de quase todos os males. Vale ressaltar, porém, que alguns tratamentos já são descritos em outros livros, mais especificamente desde o oitavo, em que começa a falar das plantas. O que congrega esses cinco livros é uma dedicação mais

acurada da parte de Plínio a descrever a história da medicina e dos tratamentos estrangeiros, aprendidos em suas longas viagens. Nota-se sempre, em todos estes livros, uma censura constante do autor ao que ele considera como bárbaro, estranho ao seu ambiente romano, mas que vai se integrar a ele e ser por ele transformado, conforme o uso comum. Vejamos, o que nos diz Plínio no livro XXVIII, 2:

*Atque etiam quadripedes homine sanauere, contra inflationes boum perforatis cornibus inserentes ossa humana, ubi homo occisus esset aut crematus, siliginem quae pernoctasset suum morbis dando. Procul a nobis nostrisque litteris absint ista! Nos auxilia dicemus, non piacula, sicubi lactis puerperarum usus mederi poterit, sicubi saliu tactusue corporis, ceteraque similia.*

“E ainda curaram os quadrúpedes com o homem, e para as cólicas dos bois utilizaram-se ossos humanos inseridos em seus chifres perfurados; quando um homem fosse morto ou cremado, era ofertada para as doenças dos porcos a farinha que pernoitasse. Longe de nós e de nossos escritos tais coisas! Nós descreveremos auxílios, e não sacrifícios, se em algum lugar a utilização de leite das lactantes puder curar, ou em outro a gengiva ou o toque do corpo, e outras coisas semelhantes”.

Observe-se o uso da terceira pessoa do plural (curaram, utilizaram-se) tornando o sujeito da ação indefinido. É uma palavra neutra, que indetermina o enunciador e, por conseguinte, também o receptor. É um costume antigo e bárbaro, porque não utilizado pelos romanos. No entanto, o que é definido como bárbaro aqui, a utilização do homem ou de partes de seu corpo para a cura de animais, é plenamente aceitável num passo mais adiante, pois que faz parte de um antigo costume romano, e que ainda permanece na memória do povo (XXVIII, 3):

*Extat Tucciae Vestalis incesti deprecatio, qua usa aquam in cribro tulit anno Urbis DXVIII. Boario uero in foro Graecum Graecamque defossos aut aliarum gentium, cum quibus tum res esset, etiam nostra aetas uidit. Cuius sacri precationem, qua solet praeire XVuirum collegii magister, si quis legat, profecto uim carminum fateatur, omnia ea adprobantibus DCCCXXX annorum eneutibus. Vestales nostras hodie credimus nondum egressa urbe mancipia fugitiua retinere in loco precatione, cum, si semel recipiatur ea ratio, et deos preces aliquas exaudire aut ullis moueri uerbis, confitendum sit de tota coniectatione.*

“Sobrevive a imprecação do incesto da vestal Túcia, que ela sofreu ao servir água em uma joeira no ano de 519 da Cidade. De fato, o nosso tempo ainda viu no fórum Boário enterrados um homem e uma mulher da Grécia ou de outros povos, com os quais então mantivesse interesses. Se alguém ler a imprecação desse sacrifício, que o mestre do colégio dos quindécênviros costuma pronunciar,

certamente reconhecerá a força dos encantamentos, todos eles em acontecimentos aprovados em 830 anos. Hoje acreditamos que nossas vestais retêm oportunamente os escravos fugitivos com uma imprecação ainda sem terem saído da cidade, posto que, se tal opinião for acolhida uma vez por todas, e que os deuses ouçam outras preces ou sejam movidos por algumas palavras, deve se manifestar sobre toda a suposição”.

A propagação de um chamado ato bárbaro, como se pode ver, é inteiramente pontual, ou seja, desde que se refira a algum culto estrangeiro, pois quando este faz parte de um costume romano, ele é plenamente aceitável. Alguns deles até chegam a nossos dias, às vezes com algumas poucas alterações ou mesmo nenhuma (XXVIII, 5):

*Cur enim primum anni incipientis diem laetis precationibus inuicem faustum ominamur? Cur publicis lustris etiam nomina uictimas ducentium prospera legimus? Cur effascinationibus adoratione peculiari occurrimu, alii Graecam Nemesin inuocantes, cuius ob id Romae simulacrum in Capitolio est, quamuis Latinum nomen non sit? Cur ad mentionem defunctorum testamur memoriam eorum a nobis non sollicitari? Cur in pares números ad omnia uehementiores credimus, idque in febribus dierum obseruatione intellegitur? Cur ad primitias pomorum haec uetera esse dicimus, alia noua optamus? Cur sternuentis salutamus? Quod etiam Tiberium Caesarem, tristissimum, ut constat, hominum, in uehiculo exegisse tradunt, et aliqui nomine quoque consalutare religiosius putant? Quin et absentes tinnitu aurium praesentire sermones de se receptum est... Alius saliu post aurem digito relata sollicitudinem animi propitiat. Pollices, cum faueamus, premere etiam prouerbio iubemur... Recedente aliquo ab epulis simul uerri solum aut bibente conuiuia mensam uel repositorium tolli inauspicatissimum iudicatur. Serui Sulpicii principis uiri commentatio est “quamobrem mensa linquenda non sit”; nondum enim plures quam conuiuiae numerabantur...*

“Por que, de fato, pressagiamos como feliz o primeiro dia do ano que se inicia com súplicas recíprocas? Por que nos jogos públicos ainda lemos os nomes prósperos dos que conduzem as vítimas? Por que nos prevenimos com quebrantos numa adoração peculiar, outros invocando a Nênese grega, cujo simulacro, por isso, está no Capitólio em Roma, embora seu nome não seja latino? Por que para mencionar os defuntos declaramos que sua memória não está sendo molestada por nós? Por que acreditamos que os números ímpares são mais fortes para tudo, e se reconhece isso através da observação dos dias nas febres? Por que nas primícias das frutas dizemos que estão são velhas, e escolhemos outras novas? Por que saudamos os que espirram? Coisa que, dizem, Tibério César, o mais triste dos homens, segundo consta, estimulava de seu carro, e alguns julgam ainda mais religioso saudá-los pelo próprio nome? Mas, crê-se que os ausentes

pressentem os rumores sobre si pelo zunido das orelhas... Outro tira a inquietação do espírito colocando atrás da orelha um pouco de saliva com um dedo. Somos ainda exortados por um provérbio a apertar os polegares quando somos favoráveis a algo... Considera-se de péssimo agouro que uma pessoa seja varrida do banquete quando alguém sai, ou que seja tirada a mesa ou o prato enquanto um conviva ainda está bebendo. A reflexão de Sérvio Suplício, homem de princípios, é “por isso é que não se deve deixar a mesa”, pois ainda não eram em número maior do que os convivas...”.

Os costumes ora relatados não são discutíveis, pois que presentes em qualquer cultura, seja nacional ou estrangeira, culta ou bárbara. Resta ao autor, respaldado pelo que ele considera como autoridades no assunto – os autores que leu, sejam eles cientistas abalizados ou simplesmente poetas ou filósofos que dissertam sobre temas gerais –, uma única reflexão sobre tudo isso, já que ele se considera incapaz de se pronunciar sobre esse assunto: “Que cada um opine sobre esses assuntos o que lhe aprouver” (XVIII, 5). Hoje temos algo parecido “Eu não acredito em bruxas, mas que elas existem, existem”.

Já se viu, portanto, o contexto em que a obra de Plínio foi gerada, a sua forma de produção e conteúdo. Resta-nos, enfim, falar de sua divulgação. A *História natural* era uma espécie de recipiente no qual eram depositadas todas as informações colecionadas por Plínio durante sua vida, a fim de tornar públicos conhecimentos que talvez permanecessem na obscuridade, não fosse esse seu trabalho dos tempos de ócio. Em seu próprio tempo, Plínio o moço faz questão de salientar a importância da obra do tio, em duas cartas (III, 5 e VI, 16). Além disso, a obra de Plínio será amplamente utilizada como fonte de consulta durante a Idade Média e o Renascimento, propiciando o surgimento de diversos manuscritos, cerca de 200, alguns reproduzindo com fidelidade o texto original, outros com possíveis correções, anotações e modificações grotescas de copistas, interessados em adequar o trabalho de Plínio a seu tempo e a seus propósitos, chegando à contaminação de textos em que, por comparação, estudiosos alteram o original e os agrupam em novas famílias como melhor lhes aprouve.

O quanto a matéria de Plínio foi verdadeira ou inventada nunca saberemos, até porque o próprio autor faz questão de a cada livro citar várias fontes para lhe dar crédito; mas, com toda certeza, ele foi um dos maiores receptáculos dos costumes de sua época.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OBRAS CONSULTADAS

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora de Universidade de Brasília, 2001.

JUVÉNAL. *Satires*. Texte établi et traduit par P. De Labriolle et F. Viloeneuve. Paris : Les Belles

Lettres [s.d.].

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A natureza*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MURPHY, Trevor. *Pliny the elder's Natural History. The empire in the encyclopedia*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

SÊNECA. *De la Clémence*. Texte établi et traduit par F. Préchac. Paris: Les Belles Lettres, 1991.

SÊNECA. *Dialogues. Tome I : De la colère*. Texte établi et traduit par A. Bourgery. Paris : Les Belles Lettres, 1971.

PLINE L'ANCIEN. *Histoire naturelle. Livre I*. Texte établi et traduit par Jean Beaujeu. Paris : Les Belles Lettres, 1950.

PLINE L'ANCIEN. *Histoire naturelle. Livre XXVIII*. Texte établi et traduit par Alfred Ernout. Paris : Les Belles Lettres, 1962.

Recebido em 30/09/2008.

Aprovado em 28/10/2009.